



DL-01

Ses. Esp. 27/05/10

Comemoração ao Dia de África.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao Dia da África, proposta pelo meu querido amigo deputado Bira Corôa.

Convido as seguintes personalidades: Sr^a Secretária de Promoção da Igualdade, Luiza Helena Bairros, representante do governador Jaques Wagner; Sr. Embaixador da República do Benin, Isidore Benjamin Monsi; Sr. Adido Cultural Adjunto da Embaixada de Angola, Camilo Afonso; Sr. Adido Cultural da Nigéria, Ayó Ayanwa; Sr. Coordenador do Centro de Formação do Ministério Público do Estado da Bahia, promotor Almiro Sena; Sr^a Deputada Federal Lídice da Mata; Sr. Deputado Federal Luiz Alberto; Sr. Coronel PM Alfredo Braga de Castro, representante do comandante geral da Polícia Militar, Se. Coronel Nilton Mascarenhas; Sr. Ouvidor Geral Aldovandro Fragoso Modesto, representante do presidente da OAB, Saul Quadros.

Assistiremos à apresentação dos Alabês, uma saudação a Oxalá.

(Apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de propor 1 minuto de silêncio em memória ao delegado Cleyton Leão Chagas que foi barbaramente assassinado ontem, na cidade de Camaçari.

(Faz-se 1 minuto de silêncio.) (Palmas)

Gostaria também de aplaudir as Polícias Militar e Civil que rapidamente prenderam os dois criminosos que infelizmente assassinaram o delegado Cleyton Leão.
(Palmas)



10038-IV

Ses. Esp. 27/05/10

Or. Bira Corôa

Comemoração ao Dia de África.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar a presença do deputado Nelson Leal neste Plenário.

Com a palavra o deputado Bira Corôa, proponente desta sessão.

O Sr. BIRA CORÔA:- Bom-dia a todas e a todos. Em especial quero saudar a Mesa cumprimentando o presidente desta Casa deputado Marcelo Nilo, a Sr^a Secretária de Promoção da Igualdade, Luiza Bairros, representando o governador Jaques Wagner, o Sr. Embaixador da República do Benin, Isidore Benjamin, o Sr. Adido Cultural Adjunto da Embaixada de Angola, Camilo Afonso, o Sr. Adido Cultural da Nigéria, Ayó Ayanwa, o Sr. Coordenador do Centro de Formação do Ministério Público da Bahia, promotor Almiro Sena, a Sr^a Deputada Federal Lídice da Mata, o Sr. Deputado Federal Luiz Alberto, o Sr. Coronel da PM Alfredo de Braga Castro, coronel Castro, que aqui representa o Sr. Comando-Geral da Polícia Militar do Estado da Bahia, coronel Nilton Régis Mascarenhas; Sr. Ouvidor-geral, Oduvaldo Fragoso Modesto, que aqui representa a OAB – sessão Bahia.

Quero inicialmente agradecer ao Sr. Thomas Sukutai, embaixador do Zimbábue no Brasil, decano do grupo das embaixadas africanas no Brasil que nos encaminha para este ato o seu representante, reconhecendo inclusive a dificuldade, já que neste exato momento, neste mesmo período, estão ocorrendo no Brasil atos importantes como a presença da ONU no Rio de Janeiro e encontros das embaixadas de países africanos da língua portuguesa ocorrendo em Brasília. Sem dúvida alguma, é com muita satisfação que temos essa representação.

Quero também saudar a todos aqui presentes, o deputado Néilson Leal, mas, acima de tudo, saudar a representação do nosso povo africano na Bahia pela valorização da nossa existência.

O dia da África tem um significado importante para o Brasil e para o mundo. Na última terça-feira, 25 de maio, comemoramos 47 anos da criação da Organização da União Africana, tendo em vista a sua fundação na Etiópia em 1863. A Organização da Unidade



Africana, atual *UA*, tinha como principais objetivos promover a solidariedade e a unidade dos estados africanos defender sua soberania e principalmente erradicar todas as formas de colonialismo existentes na África.

Quero destacar a importância desta data não apenas para o continente africano, mas destacar o simbolismo e a importância de termos um dia de África para o mundo. Quando digo um dia de África para o mundo é porque não existe um continente desse nosso universo chamado planeta Terra que não tenha a influência da África na sua instituição e colonização.

Sem dúvida alguma, as experiências acumuladas e transmitidas ao mundo a partir do velho continente africano ainda são presentes e demarcam os nossos conhecimentos contemporâneos. Aqui na Assembleia Legislativa da Bahia, pelo terceiro ano do nosso mandato, o mandato da igualdade, propõe, Srs. Deputados, Sr^{as} Deputadas, senhores e senhoras presentes, não apenas homenagear esse continente milenar, berço da civilização e da humanidade, mas sobretudo fazermos uma reflexão e propormos políticas públicas para que o continente africano e conseqüentemente o estado brasileiro valorize a maior conquista e o que mais afirma o nosso povo, que é sem dúvida alguma o nosso povo e sua própria cultura.

Quem dignifica a presença da África no Brasil, nada mais, nada menos, a expressão em nossas faces, a manifestação em nossos gestos e a resistência das nossas lutas.

Chegarmos ao século XXI no contexto social brasileiro enfrentando todo um processo de discriminação e afirmando, acima de tudo, o valor da nossa existência e a conquista da nossa própria identidade, sem dúvida alguma, não é uma coisa pequena, é afirmar e valorizar a importância do nosso povo e a afirmação da nossa própria cultura.

A Bahia é o estado mais africano do Brasil e nossa africanidade se manifesta na forma de viver do nosso povo. Aqui foi o local da Diáspora onde mais se preservou a cultura de base africana. Apresentamos a maior diversidade cultural do nosso País e a maior diversidade cultural de origem africana fora da Mãe África.

Não podemos esquecer que esse mesmo Estado, que reflete a presença da África em sua plenitude, é também o Estado em que vigora o maior processo de discriminação e desigualdades sociais em nosso País.



Não se constitui uma novidade, senhores e senhoras, que a condição de vida da população negra brasileira, quando analisamos os indicadores socioeconômicos da região estudada, a Região Nordeste, é profundamente marcada pelos efeitos do racismo e elo comum entre a África e a Bahia.

Ainda trazemos como marcas as correntes, as profundas cicatrizes dos chicotes, as dores implementadas pelas torturas e pelo pelourinho, ainda impostas pela precária condição de educação que é submetida ao nosso povo, bem como as condições inadequadas das moradias em nossos bairros periféricos. E uma marca profunda é que, apesar de termos a maior população negra do Brasil, ainda ocupamos os menores níveis de escolarização. Além de estarmos marginalizados no mercado de trabalho, carregamos a marca de ocuparmos o posto de maior população carcerária neste País e neste Estado, e ainda padecemos de doenças propícias ao povo negro sem ainda termos um acompanhamento público de atendimento e controle.

Sem dúvida alguma, são situações que ainda nos marcam num processo de discriminação. Estamos trabalhando num horizonte como um todo.

Se analisarmos a condição da juventude negra vamos encontrar índices mais perversos ainda. Se sairmos da juventude negra e trabalharmos com gênero, as mulheres negras também carregam marcas mais perversas ainda.

Então, não podemos trabalhar o Dia da África apenas como um dia de comemoração, mas, sim, como um dia de reflexão, de afirmação e de luta. É por isso que este é um momento ímpar nesta Casa. Esta é a terceira atividade que desenvolvemos na comemoração do Dia da África e, a cada atividade desenvolvida somos chamados para reflexões e aprofundamento nas discussões para consolidar políticas públicas afirmativas, capazes de produzir reparação.

Reconhecemos que apagar três séculos de nossa existência neste País não se faz de uma noite para o dia; nós precisamos avançar e muito. Por isso nova estratégia de luta tem sido respaldada pelos movimentos negros que refletem o bom momento que vive o Brasil com o governo Lula, e a Bahia com o governo Wagner, na promoção de igualdade racial e na aprovação de leis e ações importantes para afirmar o nosso povo negro.



Por isso, Sr. Presidente, esta Casa não se pode furtar da responsabilidade e do compromisso de aprovar o estatuto da igualdade racial e contra a discriminação religiosa, a partir da luta contra a intolerância religiosa. Inaceitável, Sr. Presidente, que, em pleno século XXI, esta Casa ainda oscile em sua responsabilidade, nobre deputada Lídice, de não ser a pioneira no País a sair com o direito reparatório, no sentido de assegurar o nosso estatuto da igualdade racial e assim produzirmos políticas afirmativas, respeitando e valorizando a nossa existência do negro neste Estado que ora tem o título de mais negro do Brasil e do mais negro fora da África. Inaceitável que a nossa Constituição nos permita a opção religiosa e que os nossos irmãos ao fazerem essas opções também ainda padeçam de discriminação, seja a opção por religiões pentecostais, pelo catolicismo, evangélico ou o povo de santo.

Indiscutivelmente, ainda vivemos em um Estado em que a discriminação é presente quanto foi no período da escravidão. Fujo um pouco assim do meu tempo e do contexto para afirmar que ainda estamos em maio, mês que foi incutido na cabeça de nossa povo, através do que nos contam da nossa história, para comemorar como o grande dia da nossa libertação, o 13 de maio. Reconheço a importância da data e reafirmo o quanto significou para nossas lutas, mas não posso encarar o 13 de maio como dia da libertação, porque ainda hoje o nosso povo mantém-se atrelado, acorrentado a precárias condições, já apresentadas, com relação às condições de saúde, educação, o desemprego, dentre outras que poderíamos estar aqui listando.

Não posso entender que o 13 de maio foi de fato a libertação, sem perceber que as nossas crianças estão sendo cooptadas para a prostituição, que elas são alvos fáceis para o narcotráfico, que os nossos jovens ainda estejam sem perspectiva de vida futura, porque não há uma educação que os permite avançar.

É difícil fazer um pronunciamento como este sem pontuar o que nos aflige, que é a condição de submissão e opressão vivida nos tempos modernos. Estamos em um país light, democrático, mas ainda não vivenciamos a força dessa democracia, ainda não participamos em iguais condições de direitos. Basta dizer que grandes conquistas implementadas pelo governo Lula, significativamente, vem mudando esse cenário, assim como na Bahia com o governo Wagner. Mas é importante destacar que ainda temos que enfrentar barreiras que não



são pequenas. Recentemente entramos num processo de discussão pela manutenção das cotas levando em conta que organizações partidárias e a grande mídia deste nosso País se volta numa campanha incessante para tentar extrair direitos adquiridos pelo nosso povo, como a nossa juventude poder adentrar as universidades públicas com a medida temporária, mas reparatória, das cotas, e o DEM encaminha ao Supremo Tribunal uma ação tentando tirar esse direito constituído e adquirido pelo nosso povo.

Nobre deputado Ferreira Ottomar, este momento é de reflexão, um momento em que somos chamados como representantes da nossa sociedade, com direitos constitucionais que nos foram constituídos, a assegurar a plenitude da aplicação das nossas leis, mas acima de tudo de construir ações e políticas afirmativas. E é por isso que não podemos esquecer neste exato momento de destacar que nesse enfrentamento pela defesa das cotas nosso povo criou um mecanismo, uma campanha denominada de “Afirme-se”, para tentar esclarecer à sociedade brasileira a importância da preservação e da manutenção das cotas e o quanto significa colocar um estudante oriundo de escola pública ou índio numa universidade pública.

Interesses econômicos construíram as escolas de formação inicial privadas de excelência para os seus filhos e reservaram o ensino superior de excelência nas escolas públicas para os mesmos, condicionando-nos a uma escola pública cada vez menos capaz de atender as nossas capacidades e demandas, empurrando-nos para o ensino privado quando possível. Agora temos uma campanha de esclarecimento à sociedade brasileira motivada pelo processo desencadeado pelo Supremo Tribunal, que era a de abrir audiências públicas para um debate e ouvir a experiência e o pensamento de diversos setores, principalmente especialistas da área. Essa campanha conduzida com o nome de “Afirme-se” tinha e tem como objetivo esclarecer a sociedade brasileira.

Só para chamar a atenção, um dado único: uma campanha que foi introduzida na grande mídia e o jornal *O Globo* encaminhou uma proposta, nobre deputado Luiz Alberto, de R\$ 54.163,20 para publicar a campanha, quando tomou conhecimento do teor dessa campanha o orçamento foi reajustado para R\$ 712.608.



Dá para entendermos a estrutura montada para negar o direito de a sociedade brasileira de ter o esclarecimento e poder se posicionar com lisura, autonomia e respeito.

Fiz questão de pontuar essa campanha por entender da importância, da valorização e da conquista que o nosso povo vem adquirindo através das cotas e de outras políticas afirmativas que poderíamos aqui estar listando. Mas, para não me alongar muito, essa comissão, Sr. Presidente, a Comissão de Promoção da Igualdade, é fruto também de um processo de luta.

Quando cheguei aqui em 2007, essa comissão encabeçava uma lista das comissões que seriam extintas nesta Casa.

Graças ao movimento puxado nesta Assembleia por diversos parlamentares, não podemos negar isso, pela força da sociedade civil organizada e pelo compromisso do presidente Marcelo Nilo de afirmar a democracia neste Poder, ela foi mantida na condição de Comissão Especial de Promoção da Igualdade.

Uso este ato, Sr. Presidente, para solicitar, mais uma vez, que essa comissão saia da condição de Especial e passe à de permanente. (Palmas)

Não se pode trabalhar uma situação de adversidade, como vive todo o nosso povo, como um fato de tempo marcado. Seis meses, 1 ano, 2 anos nem mesmo uma legislatura pode ser previsto como um período suficiente para, de fato, promovermos a condição de igualdade social e racial do nosso povo.

Por isso, é importante compreender que a Bahia e esta Assembleia Legislativa têm de encarar essa exclusão e essa discriminação do nosso povo como fato permanente, na perspectiva de concluir políticas afirmativas que realmente enfrentem e eliminem as exclusões.

É por isso, Sr. Presidente, que faço, neste momento, uma solicitação para que esta comissão saia da condição de especial e seja transformada em permanente, como instrumento da luta do nosso povo. Não apenas do povo negro, porque essa comissão tem tido um papel importante na afirmação dos povos e comunidades tradicionais, defendendo os interesses e a afirmação dos indígenas, dos ciganos, das marisqueiras, dos fundos de pasto, dos pescadores,



dos quilombolas, das nossas representações religiosas de matriz africana, entre outras comunidades culturais.

Sem dúvida alguma, pensar a economia, Sr. Presidente, deste Estado e desta nossa capital Salvador sem valorizar a importância das chamadas quituteiras – que nós questionamos –, as nossas baianas de acarajé, que não nasceram apenas como mulheres bonitas, bem vestidas, para circular em nossas ruas. Elas nasceram por uma causa, por uma luta, quando cumpriam ritos religiosos e entenderam que era um instrumento importante para potencializar economicamente a nossa libertação. Devemos lembrar de que era através dos tabuleiros, Sr. Presidente, com acarajés, abarás e outras iguarias comercializadas que adquiríamos recursos para garantir a compra da liberdade de irmãos e ancestrais. Foi assim que nasceu o processo de luta e de afirmação econômica, que ainda não é reconhecida na Bahia, nobre deputado. Por isso, não podemos deixar de debater aspectos da importância dessa comissão nesta Casa.

Para não me alongar mais, quero concluir chamando a atenção de que assumi a presidência dessa comissão em 2007. Em 2008 eu não a presidi porque assumi a Comissão de Educação, com muita satisfação, pois é a minha profissão, sou educador. Retornei em 2009. Sei o quanto conseguimos produzir nesta Casa em termos de ações afirmativas, de avanços, de debates e discussões, promovendo, sem dúvida alguma, a nossa presença.

Mas quero, Sr. Presidente, antes de concluir, agradecer de público ao senhor pela cumplicidade de estarmos produzindo ações em busca de uma sociedade igualitária. Mas, acima de tudo, pelo voto de compromisso e respeito que o senhor sempre teve por esta causa.

Seria injusto não colocar que esta Casa, a qual critiquei antes de aqui chegar, várias e várias vezes, por achá-la uma Casa fechada, produzida para não ter o seu povo e para não atender aos interesses do seu povo. Mas testemunho hoje o esforço de transformação que vem tendo esta Casa para ser de fato um espaço de representação da nossa sociedade e para podermos refletir aqui as nossas lutas, trazer para aqui as nossas caras, os nossos penteados, as nossas vestes, os nossos interesses.

Por isso, quero encerrar dizendo que 25 de maio, Dia da África, não é apenas o dia de comemoração, mas é o dia de promover políticas afirmativas de inclusão para que nós



africanos, descendentes, no Estado da Bahia, tenhamos respeito, valorização e, acima de tudo, o direito de preservar, de manter a nossa identidade através da nossa cultura e do nosso jeito de ser.

Por isso, quero saudar todos dizendo que a África existe e para que ela continue como África precisa ter autonomia. É preciso quebrar todos os regimes de domínio africano, do continente africano e fora da África, dos lugares mais distantes como na nossa terra Bahia, como no nosso País, Brasil, como nos municípios, os quais aqui temos diversas representações.

É por isso que é importante a afirmação da África com o papel e com o valor que a África deu na contribuição da contemporaneidade do mundo em que vivemos. Não teríamos a Medicina, não teríamos a Arquitetura, não teríamos os conhecimentos da Matemática, para não me alongar muito, não teríamos a naturopatia sem a base trazida pelos nossos ancestrais africanos. Não teríamos a força da religiosidade, não teríamos a sapiência implementada pelo nosso povo quando nos desrespeitaram como seres humanos e nos trataram como objeto. Mas mesmo na condição de objeto fomos capazes de enfrentar o momento mais duro da história religiosa deste mundo que foi cirando o sincretismo religioso para preservar a nossa cultura.

Sem dúvida alguma, foi também na culinária quando trabalhamos os restos deixados pelos exploradores, o que hoje referenda a nossa Bahia, que valoriza, sem dúvida alguma, e destaca a Bahia pela diversidade da nossa culinária, mas também pelo direito de afirmar a nossa cultura nas manifestações populares culturais.

Com isso, Sr. Presidente, peço inclusive desculpas por ter me alongado, mas faço uma saudação a todos e um agradecimento a todos aqueles que aqui estão e vieram para este ato e àqueles que não puderam vir, principalmente a todos e a todas que doaram sangue, suor, lágrima e permitiram o tombamento dos seus corpos para que hoje pudéssemos nos afirmar como negros num País distante chamado Brasil e como brasileiro com o direito de disputar espaço.

Sei o quanto, Sr. Presidente, incomoda a eles, àqueles que utilizaram da nossa força de trabalho, que nos conduziram à condição de submissão, terem que aturar um negro,



oriundo de uma família operária, como deputado estadual ora se pronunciando nesta Casa. Mas não faço isso com orgulho, faço isso com o sentimento de que essa conquista não é minha, é da nossa luta.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**DL-02****Ses. Esp. 27/05/10**

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista que assumimos compromissos anteriormente, eu gostaria, antes de passar a Presidência dos Trabalhos ao deputado Bira Corôa, de agradecer a presença de todos nesta Casa da proporcionalidade, nesta Casa do povo e, neste dia especial, Dia da África, o Brasil deve muito o seu crescimento econômico, o seu desenvolvimento aos companheiros que vieram da África.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva já pediu desculpas de público por atos do passado, hoje condenados, quando foram trazidos para cá vários africanos para ser escravizados, e nós brasileiros condenamos essa atitude e não podemos deixar de reconhecer que crescemos muito em razão do trabalho de toda essa gente. Independente da cor, da raça, todos somos irmãos.

E o deputado Bira Corôa, deputado de primeiro mandato, chegou a esta Casa e apresentou a sua marca principal que é fazer amigos e defender aquilo em que acredita. O deputado Bira Corôa é um defensor dos negros nesta Casa, também acreditamos na igualdade das raças. E eu sempre brinquei com ele na presença de várias entidades negras que visitam a presidência dizendo que ele é um branco que defende os negros, porque ele quer ser negro, mas, na verdade, ele quer ser negro mas é moreno. Eu disse a ele que ele representa todos nós. O deputado Bira Corôa é um defensor do candomblé, é um defensor do negro, das igualdades raciais.

E nós baianos sabemos que este é o lugar onde deve haver os debates e fazer as homenagens a todos que ajudaram o País a crescer, em especial a nossa querida Bahia. Nascer na Bahia, sempre digo que é uma dádiva de Deus, nascer nesta Bahia de tantas raças, de tantas religiões, de tantos companheiros que fazem a história, e esta é a Casa da história, onde estão 63 parlamentares que representam a totalidade dos baianos.

Quero registrar que esta sessão está sendo transmitida via *Internet* e via TV Assembleia – canal fechado NET, e tem levado para a Bahia, para o Brasil e para os outros continentes a defesa deste Estado. Tivemos a felicidade agora de receber um telefonema do



deputado Walter Pinheiro, diretamente do gabinete do ministro das Comunicações, informando-nos que o ministro acaba de assinar a outorga para que possamos ter a TV Assembleia aberta, assim todos poderão acompanhar o trabalho dos parlamentares.

Para ser deputado é preciso ter sangue correndo nas veias. Os deputados muitas vezes são injustiçados, mas através da TV Assembleia as pessoas podem acompanhar os trabalhos parlamentares, as comissões temáticas, as sessões especiais, os grandes embates nesta Casa, uma vez que temos uma posição muito aguerrida e uma base do governo muito consolidada. É aqui que se defendem, se emendam, se discutem e se aprovam os projetos para o desenvolvimento do Estado da Bahia.

Quero registrar as presenças dos deputados Aderbal Caldas, Fábio Santana e Euclides Fernandes no Plenário

Parabenizo o deputado Bira Corôa por este momento feliz em que comemoramos, como fazemos todos os anos, o Dia da África. E a África, agora em junho, será todo o mundo, porque na África do Sul estarão todos os times de futebol defendendo os seus países, e nós, com certeza, vamos trazer o caneco da África.

Passo a presidência ao deputado Bira Corôa.

Muito obrigado.

**10039-IV****Ses. Esp. 27/05/10****Or. Lídice da Mata****Comemoração ao Dia de África.**

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero neste exato momento, ao longo do processo fazer a correção de algumas presenças. Quero registrar a importante presença de Gilson, representante da comunidade cigana no município de Camaçari. (Palmas.)

Falo da representatividade de Gilson, porque é interessante dizer que a comunidade cigana também conquistou um passo importante na luta de afirmação, que foi exatamente no dia 24 de maio quando é comemorado o Dia Nacional dos Ciganos e em Camaçari foi realizada uma grande festa com uma audiência pública na Câmara Municipal e demarcando, também, uma data estratégica importante para a afirmação da comunidade do povo cigano.

Ao longo do processo citando também outras presenças, mas quero neste exato momento quebrar um pouco o protocolo na organização, porque a deputada Lídice da Mata tem um compromisso e solicitou a Mesa para que fosse aberto um espaço para fazer uma saudação e de antemão agradecemos a sua presença.

A Sr^a LÍDICE DA MATA:- Sr. Presidente, deputado Bira Corôa, proponente desta sessão. Quero saudar toda a Mesa, em função do tempo que é curto, mas, principalmente, o tempo que agradeço a V. Ex^a ter me concedido, quebrando um pouco o protocolo desta sessão.

Quero, portanto, em nome da saudação que faço a V. Ex^a, saudar todos os homens presentes nesta Mesa de trabalho que hoje instala esta homenagem ao Dia da África. Quero saudar a todas as mulheres aqui presentes e creio que somos maioria pelo que está dando para perceber aqui, saudando esta mulher que faz parte da nossa história, da nossa luta, da nossa organização política na Bahia, a secretária de Relações, digamos assim, de gênero e de raça, de sexo e de cor que é a companheira Luíza Bairros.

De sexo e de cor, porque ao saudá-la e ao me referi a esta questão da condição de mulher, da condição feminina e da condição de negra, estamos reunindo dois componentes de discriminação profunda que a sociedade brasileira vive, que o mundo passa, que as



mulheres no mundo passam, que as mulheres negras passam, mas especificamente em nosso País.

Portanto, quero saudar Luíza que representa esta história de luta que travamos há tantos anos em nosso Estado e que temos orgulho de vê-la representando a todas nós neste cargo de secretária da Promoção da Igualdade ou de Combate a Discriminação em nosso Estado, a discriminação de sexo, raça e de cor, existente em nosso País.

Quero saudar a realização deste documento que recebi há pouco, a primeira oficina sobre liderança feminina nas religiões de matriz africana na Bahia. Novamente aqui nós vamos encontrar a situação da mulher na sociedade e a situação da cor e de uma religião, de sua preservação.

Vamos discutir a formação da identidade brasileira. Quando nós discutimos o Dia da África, estamos falando de um continente onde se concentram culturas e religiões diversas. O continente africano não tem só a religião que consideramos de matriz, de raiz africana no Brasil, que é, para nós, o candomblé, a umbanda e todas essas religiões que vêm incorporadas à presença dos escravos negros no nosso país, mas na África outras religiões existem que unem ou desunem, mas que fazem parte da cultura do povo africano.

E em nosso país, principalmente, a África significa a formação da identidade nacional brasileira – a formação na economia, na cultura, na sociedade. E estamos falando da Bahia, onde o deputado Bira Corôa já ressaltou; temos a principal cidade negra fora da África, Salvador, e em seu entorno, no recôncavo baiano, a influência de toda a cultura vinda dessa presença negra: na economia da cana-de-açúcar no recôncavo e em todas outras culturas que formaram a nossa terra, e eu sou do recôncavo, nasci nisto. Deputado Luiz Alberto também de Cachoeira e Maragogipe, Salvador, Alagoinhas, Catu, depois se transmutando essa cultura com a presença da vida moderna, a partir dos anos 60, da Petrobras incorporando o negro, tirando o negro da terra, mas incorporando numa nova organização social, como trabalhador, como operário.

Todas essas mudanças vão ocorrendo nesse processo de modernização no nosso país. Na Bahia nós temos uma constituição do Estado que destaca um capítulo específico para a mulher, mas que destaca também em diversos artigos a contribuição africana em nosso



Estado, e nós temos, portanto, com base nisso, deputado Bira, de ter aqui, também, uma comissão permanente para debater, para denunciar a discriminação racial em nosso Estado e para manter e preservar a cultura de matriz africana em nosso país, especialmente no Estado da Bahia, porque nós somos isto, a Bahia é isto.

A Bahia é um Estado que reconhece, não que outros estados brasileiros não tenham essa identidade, com orgulho a influência da cultura africana, de tal forma que a nossa constituição se refere a ela de forma clara e em sua defesa.

Portanto, quero saudar a todos os representantes de países africanos aqui presentes, quero dizer da nossa luta em defesa do povo negro baiano, da sua afirmação, da necessidade de que possamos ter essa reafirmação em tudo que fazemos, em todas as políticas públicas que adotamos no governo do presidente Lula, e o governador Jaques Wagner é profundamente comprometido com a causa do povo negro do nosso Estado e, portanto, de todos aqueles que vieram da África para o nosso país.

O continente africano daqui a poucos dias terá a presença do mundo inteiro para dar visibilidade ao futebol, a um tipo de esporte que apaixona o mundo, mas que também tem profundas raízes na África, não é à toa que o povo brasileiro por tantos anos foi reconhecido no mundo como o povo do samba e do futebol, porque a habilidade nos pés, que marca como uma referência a identidade brasileira, está justamente nesta raiz africana.

E ao termos uma Copa do Mundo na África e depois no Brasil, voltamos a fazer essa ponte entre países e culturas que marcam a história da humanidade do presente e que, sem dúvida alguma, estão colocando as sementes deste novo mundo que surge, um novo mundo que é o Brasil, o Brasil do desenvolvimento, do crescimento a 5%, 6% com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o Brasil da integração racial, o Brasil da integração social que estamos plantando agora. Não é ainda a realidade do Brasil, mas nós estamos plantando a semente de um futuro de igualdade para o nosso povo.

Portanto, viva a África, viva os representantes do continente africano aqui presentes e viva a luta do povo negro em nosso Estado.

Um grande abraço. (Palmas)



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós agradecemos a contribuição da deputada Lídice da Mata.

(Não foi revisto pelo oradora.)



10040-IV

Ses. Esp. 27/05/10

Or. Luiz Alberto

Comemoração ao Dia de África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, também seguindo a necessidade do cumprimento da agenda, passo a palavra ao deputado federal Luiz Alberto.

Quero aproveitar para ressaltar a importância de Luiz Alberto nos representando na Câmara Federal, sem dúvida alguma, símbolo vivo das nossas lutas, uma presença marcante no contexto nacional, na disputa e na luta pela afirmação do nosso povo.

O Sr. LUIZ ALBERTO:- Sr. Presidente, deputado Bira Corôa, quero, primeiramente, parabenizar-lhe pela iniciativa importante de marcar aqui, em território baiano, território negro, esta homenagem aos nossos irmãos e irmãs do continente africano.

Quero saudar a secretária Luiza Bairos, que aqui representa o governador do Estado da Bahia, e cumprimentar também toda a Mesa, em particular os representantes de países africanos presentes a esta sessão especial.

Sr. Presidente, o dia 25, então, é o dia em que o mundo homenageia o continente africano, a África. Quando, há meio século, a Organização da Unidade Africana foi criada, estabeleceu-se essa referência com o mundo.

Essa organização, que hoje se chama da unidade africana, passa por um processo muito importante para nós, que é tentar estabelecer um elo entre o continente-mãe do mundo, a África, e os seus descendentes do resto do mundo, nós, da diáspora. Esse reconhecimento, para nós, é muito importante porque nos traz a percepção de onde viemos, quem somos, e todo e qualquer avanço que ocorre na África, neste momento, tem repercussão na diáspora.

Muitas coisas nós poderíamos aqui citar para falar dos avanços, comemorar os avanços, como, por exemplo, o estreitamento das relações, a partir da posse do presidente Lula, do Brasil com o continente africano. E, como consequência desse estreitamento, poderia citar aqui também a criação, pelo presidente Lula, de uma universidade Brasil-África, que vai se relacionar, em particular, com os povos africanos de língua portuguesa.



Poderia citar outros, como aqui na Bahia, que está acontecendo o encontro de ministros da Cultura com uma agenda de cultura afrodescendente da América Latina e do Caribe. Poderia citar uma série de avanços que nós estamos a conquistar. Mas, Sr. Presidente, nossos irmãos aqui presentes, no dia 24, véspera de comemorarmos o Dia da África, aconteceu um incidente lamentável, que é comum aqui no Brasil. Uma estudante africana da Guiné-Bissau, de nome Kadijha Too, estudante de Letras, resultado dessas relações de intercâmbio na área de educação e de outras áreas do governo brasileiro com os países africanos.

Essa estudante foi espancada no *campus* da Universidade Federal da Paraíba. Um homem espancou essa jovem, e não deixou nenhuma dúvida de que a motivação era racial. Ainda disse: “Pegue essa negra”, e ela prestou queixa numa delegacia da Paraíba, e a delegada, simplesmente, desconsiderou o fato. Alegou que não era motivação para classificar como crime de motivação racial e liberou o agressor.

Tantos fatos como esse a gente não pode desconsiderar, mesmo catalogando aqui uma série de conquistas e avanços que estamos a perceber no nosso País, perceber nas relações do Brasil com a África, perceber que estamos, cada vez mais, consolidando-nos e consolidando a nossa agenda no nosso País. Conquistamos as cotas nas universidades, precisamos consolidar os direitos das comunidades quilombolas. Daqui a alguns dias, o Supremo Tribunal Federal estará analisando, mais uma vez, provocado pelos conservadores descendentes dos donos das fazendas que escravizaram nosso povo. Vamos pedir ao Supremo Tribunal Federal que considere constitucional o direito das comunidades quilombolas e quero saudar aquelas meninas quilombolas que vieram prestigiar este evento. (Palmas)

Portanto, Sr. Presidente, este é o momento que a gente precisa, realmente, consolidar. Antes, as embaixadas africanas, lá em Brasília, eram como se fossem embaixadas de um continente fictício. O governo brasileiro dava pouca atenção à existência dessas embaixadas. Hoje, no governo do Presidente Lula, o tratamento é outro, e o presidente tem dito isso. Ele não só pediu perdão, o que é insuficiente, para reconhecer o drama que o nosso povo viveu, o drama que o continente africano vive até hoje, resultado do saque europeu, do colonialismo que foi implantado na África e que trouxe consequências hoje que estão à



vista... No governo Lula as relações se adensaram. O Lula reconheceu que o Brasil tem uma dívida impagável com o continente africano e com o povo negro deste País. Por isso tem tomado medidas concretas; outras medidas são simbólicas, até porque nas relações políticas o simbolismo é muito importante.

Quando o presidente Lula chegou há 15 dias a Pernambuco para homenagear um herói negro que o Movimento Negro brasileiro resgatou dos porões da História, dentre muitos outros heróis e heroínas, mas que a historiografia oficial escondeu, ele disse: “Vamos homenagear um lutador.”. Pegou um dos maiores navios petroleiros construídos no Brasil agora, em Pernambuco, e deu-lhe o nome de um grande lutador: João Cândido, o almirante negro. Este agora é o nome de um navio petroleiro. Disse que o próximo navio terá o nome de Zumbi dos Palmares. (Palmas)

Estas são atitudes simbólicas, no entanto é bom considerar que esse resgate não saiu da cabeça do Lula simplesmente, mas é uma consequência da luta que travamos, da resistência das mulheres e dos homens nos terreiros de candomblé, dos quilombolas lá no interior do País que brigam pelas suas terras e pela sua dignidade. Nossos jovens clamam por oportunidade e dignidade, são abatidos diariamente pelas balas da violência, muitas vezes violência praticada pelo próprio Estado brasileiro. Ainda temos muito a avançar, Sr. Presidente, companheiros e companheiras aqui presentes. Tenho certeza absoluta de que as atitudes que a sociedade brasileira tem hoje levam a repudiar muitas das ofensas que ainda alguns tentam praticar contra o nosso povo, e temos reagido a isso a cada momento.

Alguns acham que a África é um continente atrasado. Não é. A África é o continente, de onde se originou a humanidade. É um continente que tem dado lições para o mundo. Digo aqui nesta Casa, por exemplo, que, em muitos Parlamentos dos países africanos, existem mais mulheres como representante do povo daqueles países do que no Parlamento brasileiro. Isso é um exemplo de como as relações de África podem ajudar as relações de outros países a partir das suas culturas ancestrais.

Portanto, quero parabenizar os nossos irmãos africanos que hoje aqui recebem uma homenagem dos seus irmãos e irmãs brasileiros, para que possamos considerar que nós, que estamos na diáspora, somos tão africanos quanto vocês. O que acontecer de bom para a



África pode acontecer de bom conosco aqui; o que acontecer de ruim aqui pode refletir também em algo ruim lá no continente africano. Um abraço a vocês. Parabéns, deputado Bira Corôa, pela iniciativa e parabéns, nossos irmãos e irmãs africanos. Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



10041-IV

Ses. Esp. 27/05/10

Or. Camilo Afonso

Comemoração ao Dia de África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste exato momento, passamos a palavra ao adido cultural adjunto da embaixada de Angola, Sr. Camilo Afonso.

O Sr. CAMILO AFONSO:- Sr. Deputado Bira Corôa, Sr^a Luiza Bairros, representando o governador Wagner, estimados representantes do Benin, da Nigéria, constituintes da Mesa, estimados convidados para este ato comemorativo ao Dia da África, sinto-me orgulhoso por estar aqui com vocês e, pela primeira vez, na Bahia, em Salvador, na qualidade de adido cultural adjunto da embaixada da Angola e diretor da Casa da Angola na Bahia.

Não vou fazer o historial daquilo que une a Angola e o Brasil, quiçá à própria mãe África. O que já foi dito em poucas palavras reflete as nossas relações que datam desde o período em que muitos de vós foram trazidos do espaço da mãe África. Da segunda metade do século XVI à segunda metade do século XIX, tem muito em comum entre a África e o Brasil, América Latina e os próprios Estados Unidos da América.

O Sr. Deputado na sua intervenção disse bem, a Angola está presente em toda América, a Angola está presente no Brasil. A Angola, hoje, tem 16 milhões quando deveria estar a caminho de 100 ou cento e tal milhões.

Tenho observado o dançar, o cantar, o comer, o vestir em Salvador e na Bahia e sinto-me estar em casa. Olhar para esta magna Assembleia faz-me pensar estar com vocês em plena Luanda, porque esse é o nosso colorido, esse é o nosso arco-íris.

Elementos onomáticos tais como quilombo, cassange, quingoma, calulu e candomblé são nomes de origem angolana. Alguns desses nomes foram depreciados porque as pessoas que escrevem ou escreveram não foram suficientemente explorar a fundo o que isso quer dizer. Candomblé, por exemplo, na minha língua quicongo, porque sou do espaço do antigo reino do Congo, quer dizer prece, pedir.



A questão que foi colocada aqui da religiosidade, a discriminação que existe, é por não conhecer o fundo da religiosidade do homem africano, do homem bantu.

Permitam-me dizer o que quer dizer bantu para melhor entenderem essa depreciação que tem existido. Ah! eles são bantus. Ah! eles são lá dos iníquos. Essa é a divindade, é a religiosidade.

Há bem pouco tempo, o Papa disse: “É tarde, mas é o momento de voltar a estudar as outras culturas e as outras religiões.” Bantu, meus irmãos, quer dizer pessoas, homens; ‘ba’ é o plural, ‘ntu’ é o singular; o radical ‘ntu’ quer dizer cabeça, quer dizer que o homem *bantu* é um ser pensante.

Então, é preciso que nós busquemos essa realidade. Essa é a razão de o presidente Lula ter aprovado a Lei nº.639: o estudo da cultura Afro-brasileira e Africana. Se não conhecermos essa realidade, continuaremos a nos digladiar, continuaremos a fazer o mesmo jogo do imperialismo no passado, dividir para melhor reinar. A África é uma, não há várias Áfricas.

Eu cheguei a 29 de outubro de 2009 à Bahia, tenho uma data de chegada, mas o povo baiano já existia. Então, o árabe chegou no século VII à África. Logo, do século VI para trás era o africano. A civilização egípcia é genuinamente africana. Então, se nós não entendermos essas bases, vamos continuar a ver que o Continente africano é um Continente dividido. Para nós, os africanos, que estamos aqui presentes a África é uma. O que nos tem sido apontado de *Aids*, de povo na miséria, de tudo, teve razões ideológicas. Doutrinas que foram criadas, livros que editados de propósito para dizer que o homem africano é um besta. Se eles chegaram no século XV, quem é que existia no século XIV para trás? É essa a história que nunca quiseram contar, para nos ensinar que nós éramos descendentes dos gauleses, dos lusitanos, dos celtas, o que não é verdade.

Como é que um Continente que nunca poderia fazer parte da história- segundo Heigel nas suas lições de história, a África era um espaço de selvageria, de barbaridade, de feitiços-, pode dar ao mundo hoje, edições de oito volumes de estado geral de África?. Brevemente, aqui no Brasil essas edições serão lançadas nas escolas. Eu espero que nossos irmãos, leiam e leiam bem: a África é o berço da humanidade. (Palmas)



Na nossa contemporaneidade, na verdade, esses líderes que constituíram a organização da unidade africana, fizeram-no com muita honra, e porque o grito da libertação do Continente africano veio da América. Quem conheceu ou já leu *Dibua* etc, pode perceber que foram eles que transmitiram esse grito a partir da América: “*África para os africanos!*”.

Para o presidente Kwamen Kruman o homem que vai fazer de Gana o berço do nacionalismo africano. Os líderes africanos ali beberam e o facho da liberdade acendeu para todo o Continente. Nossa Angola, a nossa independência só chegou a 11 de novembro de 1975, depois de 14 anos de luta, de armas na mão contra os portugueses.

O facão que aparece na bandeira da Angola é precisamente para dizer que é com este facão que nós começamos a luta. E quando chegamos à independência, a África na verdade estava dividida porque os colonizadores quiseram dividir os africanos porque essa é a máxima deles, dividir para melhor reinar. Havia os moderados e os radicais.

O saudoso presidente Neto, em 1978, em Sudão disse: “Por que nós, hoje, ali na África do Sul, onde começará o primeiro campeonato africano do mundo, era o sistema do *apartheid* que comandava. O negro não podia estar junto com o branco. O negro tinha de estar no gueto. Hoje há uma universidade Steve Biko aqui. É uma honra. Foi preciso verter este sangue.

Então, nós, em Angola, estávamos independentes. Como poderíamos estar independentes e ver a África do Sul com o sistema em que vivia? Como poderíamos estar independentes e ver a Namíbia e o Zimbábue sem independência? O presidente Neto lançou o grito em Khartume dizendo que Angola é e será, por vontade própria, trincheira firme da revolução em África e que a nossa luta tinha continuidade na Namíbia, África do Sul e no Zimbábue.

Nós consentimos, meus irmãos, uma agressão feroz pelo exército do *apartheid* sul-africano ocupando uma província de Angola durante nove anos por causa do apoio que dávamos a Suavo, Anhecer e Azanu. Nós não tínhamos pilotos aviadores com conhecimentos para dirigirem aviões supersônicos. E era no meio da guerra que os formamos. E, no meio da guerra, começamos a destruir a aviação de irrigação do exército sul-africano. E o resultado: fizemos ajoelhar na famosa batalha do Cuitocanval cujo memorial será, brevemente,



inaugurado para dizermos ao mundo que foi esta batalha que trouxe a liberdade à Namíbia, alterou a situação da África do Sul e libertou o Zimbábue.

Esta é a solidariedade que tivemos, entre nós. A África teve de ser solidária para que eu hoje pudesse dizer “sim, 50 anos de independência e de liberdade em África”. Foi preciso sacrifício; foi preciso unidade de pensamento. Foi preciso verter este sangue.

Hoje, depois de 30 anos de luta contínua em Angola, porque só tivemos quatro anos de paz depois de nossa independência, há oito anos estamos construindo tudo o que o mundo está admirado. Como a economia angolana está crescendo? É precisamente no meio da guerra que nós construímos aquele país. Mandamos quadros para fora do País para estudar. E o Brasil esteve presente, é o nosso padrinho político, quando nós estávamos à mercê. E poucos conhecem esta realidade.

Quando me perguntam nas ruas: “O senhor também fala português? Angola fica perto do Japão? A África não é um país só?” Quer dizer, eu recebo essas preocupações. Por isso mesmo, o presidente Lula elevou hoje a Casa do Brasil em Angola à categoria de Centro Cultural, e na Bahia ele elevou a mesma categoria de centro cultural para aprofundarmos, ainda mais, os nossos laços históricos e de consanguinidade, segundo disse o presidente Lula em Angola.

Nós estamos aqui, e eu quero dizer que a gente que circunda a Casa da Angola vai dizer: “Ah, eles vieram para nos mandar?” Claro, Sr. Deputado, eu devo fazer este alerta, porque eu entro e saio e não sei quem está aí fora. Nós não viemos para mandar, mas para estreitar os laços que nos une; viemos para dizer que ontem, hoje e amanhã continuaremos a estar juntos. O meu sangue também está aqui. O vosso sangue também está em Angola. E o vosso umbigo ficou lá.

É esta a relação que nós temos. Não temos dívidas de ambas as partes, mas sim laços que nos unem desde o primeiro momento. Aquele que foi retirado do Congo, do Dongo, do Planalto Central e trazido para cá, é meu irmão! Eu sou ele e vocês são aquilo que somos hoje, dois irmãos desconhecidos que agora estão se encontrando.

Os brasileiros baianos que estão em Angola com a Odebrecht, muitos deles não querem regressar. Quando voltam para cá, é por poucos dias, porque lá eles estão em casa; é



o ambiente deles. Como eu também me sinto em casa aqui, porque o meu sangue é vermelho e o dele também é vermelho. E quando um dia Deus nos chamar, os nossos ossos são branquinhos, tanto os do rico como os do pobre.

Por isso, estimado deputado, muito obrigado por esta luta. Muito obrigado por passar essa mensagem, porque, na verdade, temos uma história: uma data de nascimento e outra de morte. Então, a nossa data de nascimento é em comum, os vossos sacrifícios são os nossos sacrifícios.

Estive no primeiro CEAO, no Senegal; não pude estar no segundo, aqui em Salvador, porque estava em Cuba.

A diáspora é parte do nosso continente. Neste momento eu deveria estar no Segundo Encontro Afro-Latino, mas estou aqui para dar este testemunho. Estamos de mãos dadas porque os nossos assuntos são em comum. Precisamos ter unidade de pensamento para apoiarmos o deputado e outros que estão identificados com a nossa causa, para assim vencermos as batalhas.

Nós também já fomos tratados de indígenas, nos calaram a boca porque as nossas línguas mães não poderiam ser faladas em nenhum espaço público. Hoje, as nossas línguas estão a ser estudadas nas universidades, sendo faladas em qualquer espaço.

De um núcleo universitário que tivemos no período colonial, hoje Angola tem três universidades. Mas falta pessoal docente. Quem for mestre ou doutor, candidate-se. É isso que a África precisa. Os cérebros são retirados de lá com o propósito de a verem sempre de mão estendida.

Mas a África tem força. Agora todos vão ver as imagens da África do Sul. Nós em Angola fizemos, em janeiro, o Primeiro Campeonato Africano do espaço de Língua Portuguesa. Mas o Brasil não viu. O que apresentaram aqui foi somente a AIDS, a miséria, a fome. Entretanto nós estamos a crescer, colocamos estradas, caminhos de ferro, ali onde o português não conseguiu pôr. Esse é o nosso orgulho.

O Brasil, com a Odebrecht, construiu a maior barragem do meu país. E temos orgulho de os nossos irmãos brasileiros – em particular os baianos – transmitirem o seu saber



aos jovens angolanos. Isso nos dá orgulho. Não estamos a dever nada, é a nossa complementaridade.

Para terminar, quero mais uma vez agradecer à Assembleia Legislativa e ao estimado deputado. Continue a trabalhar, pois está no bom caminho. Que haja mais seguidores.

Como dissemos, estamos juntos em Angola nesta luta em busca de um mundo melhor.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 27/05/10

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, por eles terem aula à tarde e quererem contribuir, vamos assistir a apresentação do Grupo Cultural Zambiapunga, do Colégio Estadual Renan Baleeiro, em Águas Claras, que fará uma apresentação da nossa cultura.

(Apresentação musical do Grupo Zambiapunga.)

A Sr^a Aidê da Costa Carvalho:- Bom-dia a todos e a todas. Sou Aidê da Costa Carvalho, coordenadora, juntamente com a professora Rita, de alguns projetos.

Quero saudar a Mesa e todos que estão aqui, especialmente as pessoas que fazem do seu espaço de trabalho o seu espaço de luta e resistência; as pessoas anônimas, como nós, de Águas Claras, do Renan Baleeiro, que fazemos esse trabalho de resistência.

Esse grupo folclórico, costumo dizer que é um grupo que o mundo conhece, mas a Bahia não. É de origem bantu. Quando os nossos ancestrais vieram para cá, transformaram o instrumento de tortura em um instrumento de felicidade e alegria. Mas quem pode falar disso com mais propriedade são os nossos alunos. Vou chamar a aluna Taís. Venha até aqui Taís.

Tenho prazer em que vocês conheçam os nossos alunos, o nosso grupo de resistência numa área periférica. Costumo dizer que Águas Claras não é uma área violenta – trabalhamos literalmente com os portões abertos –, mas é uma área extremamente violentada, e violentada estruturalmente. E nós, no nosso cantinho, no nosso gueto, fazemos um trabalho de resistência junto com o grupo de jovens que estão aqui com todo prazer, com toda decência e com todo orgulho de representar os nossos ancestrais, o nosso povo africano.

A Sr^a TAÍS:- Boa-tarde a todos e a todas, boa-tarde à Mesa, eu sou Taís, aluna do Colégio Estadual Renan Baleeiro. Zambiapunga é uma manifestação religiosa originária dos africanos, mas especificamente do povo bantu. Veio para aqui na época da escravidão e conseguiu fazer com que o instrumento que era usado para que esse povo fosse escravizado virasse um tipo de instrumento para que pudesse fazer uma festa.



Na madrugada do dia 1º de novembro, véspera de Finados, esse grupo pegava suas enxadas, botava máscaras e saía nas ruas para afugentar os maus espíritos. Hoje, a cultura ainda vive na cidade de Nilo Peçanha. Toda madrugada do dia 1º de novembro, o Grupo Cultural Zambiapunga sai de lá tocando enxadas, bumbos, búzios e berra-bois, utilizando enxadas na intenção de afugentar os maus espíritos. O nosso grupo é uma homenagem ao grupo que existe lá. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- aproveitando aqui, fazendo a tradução, sem dúvida alguma, com o apoio de nossos irmãos africanos vindos lá de Angola, Zambi significa Deus; e Zambiapunga significa Deus forte, Deus poderoso.

Agradecemos ao Colégio Renan Baleeiro, estimamos cada vez mais o trabalho sociocultural que vem sendo desenvolvido naquela escola com garotos e garotas da periferia numa luta constante de afirmação da sociedade, no enfrentamento ao narcotráfico e, acima de tudo, na valorização do resgate da autoestima de garotos e garotas que compõem a comunidade de Águas Claras e circunvizinhanças.



10042-IV

Ses. Esp. 27/05/10

Or. Ayó Ayanwa

Comemoração ao Dia de África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, quero passar a palavra ao adido cultural da Nigéria, Ayó Ayanwa.

O Sr. AYÓ AYANWA:- Desculpem-me pelo atraso.

Bom dia, Sr. Presidente e todos os membros da Mesa; meus cumprimentos também para o representante de Angola e da República do Beni, aos organizadores desta ocasião e aos diferentes artistas da Bahia que se apresentaram aqui. Meus cumprimentos a todos.

Desculpem-me, mas cheguei no Brasil em novembro, há poucos meses atrás, e ainda não aprendi a falar o português direito. Se Deus quiser, na próxima vez não precisarei de tradução.

Meu nome é Ayó Ayanwa, sou diretor da Casa da Nigéria. A Nigéria aprecia a iniciativa desta Casa em promover um evento em homenagem à África, em promover a riquíssima herança cultural africana.

Desde o ano passado, a Casa da Nigéria abriu suas portas para visitantes da Bahia e está apta a ensinar a língua iorubá, que é a língua do candomblé, a língua dos orixás. Além disso, estamos também organizando um *workshop* sobre o instrumento *talking drum*.

Também estamos desenvolvendo pesquisas sobre qualquer aspecto da nossa cultura; a cultura africana é muito, muito rica. Quando conhecemos nossa cultura, conhecemos nossa identidade. Tenho muito orgulho das pessoas que promoveram o candomblé e promoveram a cultura na diáspora. A Nigéria está pronta para dar qualquer suporte a fim de promover a integração cultural.

A política externa da Nigéria busca promover, dentro da União Africana e todas as nações ... A cultura africana é a cultura da dignidade, cultura da realeza, do compromisso, dedicação, da fé, da honestidade e da cooperação. Vocês podem ver que algumas pessoas do candomblé são brancas, cor da pureza. Você precisa ser puro. É preciso viver em paz com seus vizinhos, se você ama seu vizinho não causará nenhum mal a ele, nem se importará com



a brancura dele. Por isso a afinidade cultural entre a Nigéria e o Brasil é tão grande, tão próxima, especialmente na Bahia. Você pode ver a presença do candomblé no Ilê Axé Opó Afonjá, e em muitos outros, como no Ilê Aiyê e no Olodum. Estes são nomes iorubás. Ilê Aiyê significa o universo. Por que Olodum significa Olodum maré? Isso significa Deus! E você pode ver os representantes iorubás como Ogum, Oxum, Oyá, Obatalá e Oxalá que existem neste País. Existem um bilhão de outras religiões. Precisamos aproveitar esta afinidade cultural para promover a unidade entre o Brasil e a África.

No mês passado, o governo da Nigéria veio à Bahia. Além dos aspectos culturais que foram vistos nesta cidade, também foi avaliada a possibilidade de fazer mais negócios. Há cerca de duas semanas um grupo de pessoas da Bahia viajou para a Nigéria para solidificar as alianças. A Nigéria quer comprar alguns veículos, alguns ônibus, e esse é um sinal de proximidade que trará benefícios. Precisamos nos enxergar como um só. A Casa da Nigéria está aberta a qualquer um que queira conhecer os tecidos, os livros, as peças de lá. Se você for à Nigéria hoje, especialmente a Lagos, capital da Nigéria, verá bairros brasileiros. Brasileiros estão estabelecidos principalmente no litoral.

Depois do fim da escravidão muitos nigerianos voltaram para a sua terra natal, e muitos estão se reencontrando com as famílias que estavam no Brasil. Quem estava aqui e agora está na Nigéria. O Sr. Alakida deixou o Brasil para voltar para a Nigéria em 1977. Se você for à Nigéria hoje e visitar um bairro, vai perceber a arquitetura brasileira nele. Essa é uma forma que encontramos para perpetuar os costumes para as próximas gerações.

Além desse programa, acredito que muitas pessoas vão se interessar em cursar iorubá na Casa da Nigéria. Além desse discurso, vou demonstrar para vocês hoje o uso do dum-dum no candomblé, no festival do Carnaval. Isso é entretenimento e diversão.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-04

Ses. Esp. 27/05/10

(Apresentação musical do Sr. Ayó Ayanwa)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, quero convidar o Grupo Cultural da Escola Sete de Setembro, do subúrbio ferroviário de Paripe, para dar a sua contribuição, compreendendo que eles têm aula hoje, à tarde. Eles estavam programados para encerrar o evento, mas vamos antecipar a apresentação porque os jovens têm que cumprir o calendário escolar.

Enquanto eles se organizam, quero aproveitar para registrar as presenças dos deputados Álvaro Gomes, Fábio Santana e Aderbal Caldas; de Clarindo Silva, representante da resistência do Pelourinho; dos estudantes de Direito da Faculdade São Salvador; dos alunos do Colégio Estadual Sete de Setembro, que estão-se organizando para fazer uma apresentação para nós; dos alunos do Colégio Estadual Renan Baleeiro; do time feminino do Ypiranga; do Grupo Ginga; do Movimento de Mulheres do Subúrbio; dos estudantes da Universidade Católica do Salvador; como também de inúmeras representações de terreiros aqui presentes. Eu vou citar algumas, enquanto os alunos se organizam: Ilê Axé Ogó Ogum, Casa de Olhos do Templo Paquetan, Ilê Axé Fayotê Omin Ofá, Ilê Axé Oiá Tougiman.

Vou fazer o curso de iorubá para podermos corrigir. Farei na Casa da Nigéria. Quero ser um dos primeiros alunos inscritos na primeira turma.

Estão presentes, também, o Terreiro Estrela Guia, Terreiro Kafung de Unzambi, Ilê Oré-Ofé, Ilê Axé Owá Omin Nirê, Ilê Axé Obá Omin Yamassê, Fórum Estadual das Religiões de Matrizes Africanas, Terreiro Tumbelazaze, Terreiro de Jauá; Ilê Axé Gibemim; Associação dos Terreiros de Cajazeiras e Águas Claras. Quero também citar a presença de representantes evangélicos aqui presentes, representação vinda de Camaçari; representantes católicos da Polícia Militar aqui presentes, com muita satisfação, e também da comunidade cigana. Recebemos o comunicado de que três representantes da comunidade indígena estavam se dirigindo para este ato e tiveram um problema com o transporte, tiveram o carro quebrado na proximidade da Gandu, e não conseguiram chegar aqui. Queremos registrar o



esforço da comunidade indígena para chegar aqui de lá do Extremo-Sul na tentativa de estar presente neste ato do dia de hoje.

(Apresentação de musica e dança.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Alunos do Colégio 7 de Setembro, de Paripe, e da Escola Renan Baleeiro representam a força da cultura na nossa escola pública. Mas, infelizmente, a nossa mídia não projeta espaços de divulgação e de amparo. Essa é a raiz da nossa cultura e, acima de tudo, a força do nosso povo.



10043-IV

Ses. Esp. 27/05/10

Or. Isidore Benjamin Monsi

Comemoração ao Dia de África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste exato momento passaremos a palavra ao embaixador do Benin, Sr. Isidore Benjamin Monsi, que aqui representa todas as embaixadas africanas estabelecidas no Brasil.

O Sr. ISIDORE BENJAMIM MONSI:- Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Sr. Deputado Bira Corôa pelo convite para participar da celebração do Dia da África nesta Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Gostaria de saudar todas as autoridades presentes à Mesa; o povo brasileiro que está nesta sala; a Polícia Militar; e todos os irmãos da África e do Benin em Salvador-Bahia.

Sou embaixador da República do Benim em Brasília e gostaria de falar em nome dos embaixadores africanos que gostaram muito dessa iniciativa e estão muito felizes em ver que, em Salvador, as pessoas pensam na África.

Temos agora em Brasília 29 embaixadas. Não sei se em muitas cidades do mundo existem tantas embaixadas africanas. Esta é a prova de que o presidente Lula, o governo dele tem pela África grande consideração, isso porque os países africanos são irmãos do povo brasileiro. Os países africanos apoiam o Brasil e são seus aliados. No meu país, o Benim, pensamos que o Brasil é parte de nós. Nosso pelo é do Brasil, nosso coração é do Brasil. É assim por causa da escravidão. Muitos escravos do Benim estão aqui e votam lá com os nomes dos proprietários deles. Assim, no Benim existem famílias chamadas Souza, Fonseca, Vieira, Sacramento, ou seja, nomes brasileiros. O idioma oficial do Benim é a língua francesa, mas a língua local do Benim chamada “fon” – temos palavras como chave, garfo, copo, talheres, e comemos também o acarajé, sarabuia. É uma pena morar em Brasília, porque não tenho mais oportunidade de comer acarajé. Será que devo ficar aqui?

No meu país existe uma cidade chamada..... que é uma deformação da palavra Ajuda, que é uma cidade afro-brasileira. Temos um bairro chamado Brasil e uma escola chamada Brasil, também tem a Casa do Brasil como aqui tem a Casa do Benim. Muitas



pessoas no país tem o sonho de visitar Salvador, um dia, porque eles pensam que a origem delas é aqui. Na verdade, a África está do outro lado do mar, e é uma pena que hoje não existe voo direto entre Salvador e África. É pena que hoje para viajar para África devemos ir primeiro para a Europa. É pena que hoje a china é uma das potências que está na África fazendo negócios.

Nós esperamos muito do Brasil.

Eu gostaria de agradecer ao presidente Lula, ao governador dele, porque o presidente Lula já foi à África mais de 20 vezes, e também o governador da Bahia, Jaques Wagner, que, em setembro de 2008, visitou o Benim. Eu acho que ele descobriu o que o Benim tem em comum com o Brasil no setor da cultura, da educação, do comportamento do povo que é muito alegre e que gostaria de colaborar com o povo brasileiro.

Hoje, o desejo dos países africanos é de desenvolver intercâmbio com o Brasil no setor da cultura, educação, negócios, como nós já estamos fazendo com outros países do mundo. O Brasil é o País que está muito mais próximo da África do que as potências da Europa. Nós devemos desenvolver as relações que já existem entre nós. Assim, acho que temos aqui um advogado que vai fazer tudo para uma cooperação muito forte com a África.

No mês de junho, a Copa do Mundo vai começar na África. Sei que o Benim não vai participar, mas o povo do Benim vai torcer para o Brasil. É uma realidade. É sempre assim. O povo do Benim conhece todos os jogadores brasileiros mais do que os brasileiros conhecem, desde Pelé, Vavá, Garrincha, Didi, Zagalo, Gerson, Tostão, Rivelino, Rivaldo até Romário, Bebeto, agora Kaká, Fabiano, Júlio César, nós conhecemos todos. E quando o Brasil não ganhou ficamos muito tristes, porque o Brasil é a nossa alma (Palmas). O Brasil é o nosso coração na África, e o meu desejo é que o Brasil ganhe a Copa.

Muito obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



10044-IV

Ses. Esp. 27/05/10

Or. Almiro Sena

Comemoração ao Dia de África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero registrar a presença do Movimento Tenho Fé, Sou do Candomblé, do município de Santo Antônio de Jesus; da Fenacab; registrar também a presença do Terreiro Tumba Junçara, aqui de Salvador; a presença de Karlla Tieko Sasaki, coordenadora de inserção do Planseq Afrodescendente do Nordeste – Ministério do Trabalho.

Quero, neste momento, passar a palavra ao Dr. Almiro Sena, promotor de Justiça do Ministério Público, que dispensa comentário, mas é indispensável dizer que tem sido um dos grandes parceiros nesta nossa luta pela afirmação do povo negro e na luta contra a discriminação racial no nosso País e no nosso Estado.

Almiro, desculpe-me por usar um pouco do tempo, mas o quanto é importante a gente poder ter não apenas um negro assumindo a posição que o senhor hoje assume, mas alguém que tem uma consciência, uma responsabilidade que o senhor tem tido ao longo de sua luta e que tem representado muito bem o Ministério Público neste Estado.

Não é o reconhecimento do deputado Bira Corôa, é um reconhecimento da luta. Recentemente comentava com Gilson e destacava exatamente a importância de pessoas que tem contribuído com a nossa luta, e Gilson, da comunidade cigana do Estado da Bahia, destacava o seu papel e a importância do que você vem fazendo à frente do Ministério.

O Sr. ALMIRO SENA:- Obrigado, deputado, obrigado, Gilson e a todos os companheiros e companheiras que são tão generosos em apoiar esse trabalho e me gratificar com essa demonstração de apreço. Isso é generosidade de vocês, porque o que fazemos é a nossa obrigação e a tentativa de honrar realmente a confiança que vocês nos emprestam enquanto somos promotores de justiça.

Sr. Deputado Bira Corôa; Sra. Secretária da Promoção da Igualdade, Dra Luíza Bairos; Sr. Embaixador da República do Benin, Isidore Benjamim Monsi, representante das embaixadas africanas neste evento; Sr. Adido Cultural da Nigéria, Ayó Ayana; Sr. Coronel



PM, Alfredo Braga de Castro, representante do Comando Geral da Polícia Militar da Bahia; Sr. Ouvidor-Geral, Dr. Aldovandro Fragoso Modesto, representando o presidente da OAB, Dr. Saul Quadros.

Estou aqui, quero ressaltar, representando o eminente Procurador-Geral, Dr. Edison César Lima e Silva, que, por estar num evento em Minas Gerais, não pode estar presente, mas envia, Sr. Deputado Bira Corôa, todo o apreço do Ministério Público pela importância deste evento.

Serei breve, porque a excelência das falas das personalidades que me antecederam justificam minha brevidade, já que o que foi dito aqui e a autoridade moral de todos que falaram torna quase despicienda a nossa participação. De toda forma, em homenagem a todos vocês religiosos de matriz africana, sacerdotes, evangélicos, a briosos Polícia Militar da Bahia, o povo da Bahia, todos que aqui estão, vou apenas acentuar que enquanto promotor de justiça, enquanto brasileiro, enquanto cidadão de identidade negra, a importância da comemoração deste dia.

Desde 2007, o deputado Bira tem tido essa força de manter no calendário, cada vez mais com muito entusiasmo, com a participação maciça do nosso povo, este evento que nos é muito caro. O tema que nos foi dado para percorrer, em virtude do tempo preparamos até um power point, uns slides, - e agradecemos, deputado Bira Corôa, honrosamente, esse convite, nos premia em poder estarmos aqui. A nossa fala está reduzida a 15 minutos, mas os senhores não perderam nada, só ganharam, porque o que foi dito aqui supera, com certeza, em conteúdo o que seria dito. Além disso, estamos à disposição dos senhores para em outro momento apresentarmos o que foi preparado para este evento.

A reflexão que queríamos fazer é sobre a importância dos avanços da ação afirmativa para a promoção da igualdade na luta contra o racismo e para uma maior justiça no Brasil . Sobre isso vou falar sucintamente, modificando o planejado. Entender o que significa a necessidade das ações afirmativas para o povo brasileiro, é preciso, por exemplo, verificar que as ações afirmativas estão asseguradas na convenção internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial da ONU, no artigo 1º, parágrafo 4º, tratado, convenção essa subscrita pelo Brasil desde 1965.



Então, senhores e senhoras, não é uma novidade no ordenamento jurídico brasileiro como muitos querem dizer, não é novidade alguma as ações afirmativas de cotas étnico-raciais, constitucionalmente corretas, porque a Constituição de 88 recepcionou plenamente esse tratado. Além disso a Constituição de 88 nos seus artigos 1º, 3º e 4º ressalta que o objetivo da República Federativa do Brasil é erradicar a desigualdade, é combater o racismo, é promover a justiça social e quando assinala isso a Constituição consagra assim a política de ação afirmativa. Essa fala não é minha, é dos ministros do STF, Marco Aurélio, é do ministro do Supremo Tribunal Federal, Carlos Ayres de Brito, é do ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, é da ministra do Supremo Tribunal Federal, Cármen Lúcia.

Então, não há maiores razões para essa discussão jurídica que, com todo respeito que nos merece enquanto partido e exercendo o seu legítimo direito de contestar o sistema, a fez o Partido Democratas. Entendemos que essa discussão que ele coloca é inócua no sentido jurídico. E afirmamos isso na tranquilidade de quem enquanto estudioso do direito tem a certeza de que o Supremo Tribunal Federal logo vai definir isso e dá juridicamente a resposta adequada, considerando constitucional a política de cotas e de ação afirmativa.

Então, por que essa insistência de alguns setores da sociedade brasileira - e o deputado Bira Corôa fez referência a Rede Globo - em aumentar o valor de cinquenta e poucos mil para setecentos e tantos mil, anúncio pago favorável a política de cotas? Por que essa dificuldade? É por ignorância jurídica? Não, não são ignorantes jurídicos, obviamente não são. Eles são tão preparados quanto nós, mas não são mais preparados, não. Agora, eles têm o que não temos que é o controle dos meios de comunicação. É essa a reflexão que precisa ser feita. A informação que é levada à sociedade sobre o sistema de cotas étnico-raciais pela grande mídia é deturpada, equivocada e que nem pagando, observe o relato, deputado Bira Corôa, ou seja, exercendo um direito, inclusive, também assegurado e dando a eles lucro, eles nos concedem o direito de informar, e quando você dificulta muito a possibilidade de exercer um direito, na prática viabiliza. Agora, um anúncio de setecentos e tantos mil reais é um estelionato diante da realidade.



Então, é preciso que se trate a discussão da política de ação afirmativa, primeiro, entendendo que no plano jurídico, salvo essa tentativa inócua de alguns setores de questionar, diante da Constituição federal não há mais o que se discutir. Juridicamente as ações afirmativas, as cotas étnico-raciais não são apenas possíveis, elas são necessárias. A Constituição exige que elas sejam implantadas. É o oposto do que muitas vezes se quer dizer.

No plano, a questão, então, nos parece das ações afirmativas do plano político. Isso se assemelha, companheiros e companheiras, à luta dos direitos humanos, da afirmação dos direitos humanos como um todo. O professor Norberto Bobbio, ele dizia que “ O grande problema dos direitos humanos no final do século XX e no início do século XXI não era mais jurídico”, referindo-se à questão dos direitos humanos em todo mundo, sobretudo na América Latina. O problema, dizia o professor Norberto Bobbio, “(...) é de sua efetividade e de sua aplicação”. Não é mais jurídico, é político, é efetivamente se aplicar o que juridicamente já se sabe que é obrigação de fazer, não é mais de se justificar os direitos humanos. Todos nós sabemos a importância do respeito aos direitos humanos, e por que se continuar tanto desrespeitando na América Latina, no Brasil e na Bahia? É questão de efetividade, é questão de se impor através dos meios de luta, e o movimento social e o movimento negro têm sido fundamental nessa luta. O movimento negro merece um destaque especial, porque tem tido a coragem, a ousadia e a força de desafiar todo um sistema de poder que foi concebido ideologicamente como um sistema europeu de dominação e que ainda se mantém. Então, para essa luta dos direitos humanos é a questão do movimento político mesmo.

E nessa dimensão não podemos deixar de valorizar o que ocorre no governo Lula atualmente. Há, sim, uma sensibilidade, há, sim, uma tentativa do governo Lula em efetivar os direitos humanos, um exemplo disso, formal, estabelecido, o terceiro plano nacional dos direitos humanos, que muitos dos senhores e das senhoras, com certeza, ouviram na grande mídia grandes críticas, dentre elas a maior – a de que o plano de direitos humanos do governo Lula queria cercear a liberdade de imprensa. Imagine, Dr. Adrovando, ilustre representante da OAB, cercear a liberdade de imprensa, algo tão caro para a democracia de qualquer país, e o Brasil é exceção. Isso é uma leviandade.



O plano de direitos humanos do governo Lula, de modo algum, quer cercear a liberdade de imprensa. Quer, sim, exigir que a imprensa, que a grande mídia passe a cumprir o seu papel: de veicular informação, papel esse que está estabelecido na constituição federal, no artigo que trata da comunicação social.

Mas, obviamente, quem domina, quem controla ainda a maior parte dos meios de comunicação no Brasil são setores do poder, e setores ideologicamente elitistas e brancos. Então, há de se entender que a luta a favor da implantação das cotas como medida de ação afirmativa é uma luta que passa, hoje, muito pelo plano político na capacidade de mobilização, na capacidade de informar.

E dentro disso eu quero dizer a todos vocês que enquanto promotor de justiça, e hoje coordenando o centro de formação do Ministério Público da Bahia, a convite do procurador geral, um órgão que tem a responsabilidade de formar e aperfeiçoar profissionalmente promotores e servidores, o que eu posso fazer é colocar esse centro à disposição de todos e de todas aqui; já conto com a colaboração do deputado Bira Corôa, da secretaria, que estava falando ali, muito me empolgando; conto com o convite que fiz ao adido cultural de Angola, ao embaixador do Benin, com a possibilidade de criarmos um canal de comunicação, ao representante da Casa da Nigéria também, do Centro Cultural da Nigéria; a possibilidade de podermos levar a fala de V.Ex^{as} para os promotores de justiça do Ministério Público da Bahia e, quiçá, para o Judiciário da Bahia, que são grupos muito importantes na efetivação dessa medida; garanto aos senhores: eles, na grande maioria, são muito bem intencionados, assim como a maioria dos nossos servidores, policiais militares, civis, etc., mas, grande parte deles, ainda contaminados por uma ideia embranquecida da sociedade. Óbvio, a mídia que está aí corrobora com isso, a imprensa que está aí, grande parcela dela, corrobora com isso, e o Ministério Público é também um centro de poder, e como tal convive de perto com essa situação ideológica e, às vezes, companheiros, companheiras, vocês contraditarem esse establishment é muito difícil e isso só vai ser possível, realmente, com essa parceria.

Agora, independente desse convite ou dessa informação que dou, quero dizer a vocês que se sintam à vontade de me provocar enquanto promotor de justiça e enquanto



coordenador desse centro, para dizer que vocês querem ser ouvidos. Eu fico imaginando uma sessão dessa vista pelos nossos promotores de justiça, cerca de 600 em toda a Bahia, 550 para ser mais exato, fora os aposentados, só ativos, espalhados em toda a Bahia, a importância de uma sessão dessa e das falas que aqui foram feitas para esse público.

Por que eu falo tanto nisso? Porque para as medidas de ações afirmativas passam sim por esses promotores, como vão passar pelo Judiciário. A despeito de serem constitucionais, se não houver a pressão política, o verdadeiro enfrentamento contra a hegemonia do que está aí, da ideologia branca, muitos desses colegas, ainda que pensando que estão fazendo o melhor, vão dizer: “Não! Mais cotas, mais ações afirmativas no Brasil! O problema do Brasil é social, não é racial. Somos todos morenos ou todos negros, ou todos africanos, ou todos europeus!” Um discurso que só não digo que é estúpido porque, muitas vezes, é movido por um desconhecimento, por uma ignorância absoluta.

Então, para enfrentar isso é preciso essa fala nossa, essa fala conjunta.

Para concluir, eu quero destacar aqui, mais uma vez, a importância desse sentimento de África. Não poderia, Sr. Embaixador, Srs. Representantes de Angola e da Nigéria, deixar de dizer que, justamente comemorando o Dia da África, o Dia da Luta, da luta de dezenas de chefes de Estado que se reuniram para lutar pela soberania de um povo, quando você luta pela soberania do povo de África, você luta pela soberania do povo de qualquer parte do mundo, porque os direitos humanos têm a característica de serem universais, da luta ser universal.

Agora, é importante que digamos isso: a luta pelos direitos humanos no mundo não é só dos nossos irmãos europeus, não é só dos intelectuais europeus, mas é, igualmente, dos intelectuais e do povo africano, dos religiosos africanos. Então, a comemoração do Dia da África tem que ter a força de nos lembrar e pior, de nos informar, porque em muitas situações somos ignorantes, disso que é tão vivo e é tão desconsiderado.

E, mais uma vez, é lamentável quando vemos a mídia em relação à Copa do Mundo, as mensagens das principais redes de televisão, deputado Bira Corôa, sempre com o enfoque caricatural ou negativo do continente africano, parecendo que dificuldades de



realizar um evento como a Copa só a África do Sul tem, que nenhum outro país do mundo, quando realiza a Copa, tem dificuldades, que é tudo automático.

E todo aquele evento belíssimo que tem ocorrido em outros países, a despeito de todo racismo, irá ocorrer na África do Sul. Preparemos a emoção, o coração, o sentimento para vivermos, com certeza, um momento belíssimo da cultura africana sendo mostrada para o mundo.

Parece que esse evento é produzido com toda facilidade, que não existem dificuldades a serem enfrentadas por todos os povos. Mas, no caso da África do Sul, o que se ressalta é a dificuldade. Então, é mais um viés racista que impregna a nossa mídia e que nós devemos ter a capacidade de desconsiderar.

Então, concluindo, quero dizer aos representantes da África da nossa emoção também ao imaginarmos que somos cidadãos, somos irmãos do Laos, de Luanda, de Ayuda, que foi falado aqui, do Embaixador do Benin, onde está a Casa do Brasil, onde está o Brasil, e isso é fundamental, porque precisamos dessa referência e dessa lembrança.

Agora, precisamos também, Sr. Embaixador, Srs. Representantes da Nigéria e de Angola, que os senhores sejam muito parceiros nossos para resgatarmos isso e levarmos ao instamento de Poder no Brasil.

Concluindo, quero fazer também um apelo sobre a questão da dignidade do nosso povo e do seu talento, como foi registrado aqui pelos jovens, homens e mulheres, da escola Renan Baleeiro e da escola Sete de Setembro: esse talento precisa ter oportunidade na sociedade baiana.

Pensem, deputado Bira Corôa, secretária Luiza Bairros, que podemos desenvolver alguma parceria junto à FIEB, à Febraban. Porque eu preciso dizer a vocês algo que, infelizmente, vocês sabem tão bem quanto eu, mas eu preciso lembrar: na Bahia ainda é negado emprego aos nossos talentos por racismo. O pessoal da Associação Comercial da Bahia e da FIEB precisa ter outra postura. Eles continuam a insistir que isso não existe, mas existe, sim. Talentos como esse que vimos, hoje, só podem ter num país legalmente democrático um resultado. Esses jovens, muitos deles praticamente meninos e meninas, só podem estar, dentro de algum tempo, brilhando nas atividades que eles escolham.



Fora isso, se eles não tiverem essa possibilidade, esse país é indigno, essa sociedade é indigna, e a Bahia ainda nega essa possibilidade. Acho que precisamos, sim, abrir um diálogo com a FIEB poderosa FIEB, com os empresários que controlam o sistema da construção civil na Bahia, o pessoal da elite na Bahia. Vamos a um *resort* qualquer de luxo que vem para a Bahia e não vemos lá o nosso povo negro ocupando os cargos que têm talento para ocupar.

Ao contrário, continuamos vendo a repetição do branqueamento. Isso parece ser algo menor, pontual, mas se fala muito, porque trabalho é mais do que sinônimo de sobrevivência, é sinônimo de dignidade, hoje. E quando se nega a população negra, como parte do empresariado da Bahia continua negando acesso de trabalho à mão-de-obra negra qualificada... É qualificada, sim. Eu preciso ser redundante, porque a desculpa racista que se coloca é “Oh, Doutor, realmente, não há a qualificação necessária”.

Tem qualificação mais do que necessária, ainda negando essa possibilidade e essa mentalidade que norteia não todo o empresariado baiano, mas uma parte dele, é uma mentalidade covarde, canalha, como toda mentalidade racista, e a gente precisa enfrentar isso. Agora, o Ministério Público não tem como enfrentar isso sozinho, e peço a parceria.

Quero agradecer a todos e todas essa honra de estar aqui neste evento. Quero registrar, também, deputado Bira Corôa, que o colega, atual titular da Promotoria do Combate ao Racismo e Intolerância Religiosa não está aqui porque houve um choque de eventos. Está ocorrendo no Ministério Público debate sobre a efetivação da Lei 11.645/2008, que era a antiga Lei 10.639, que estabelece o ensino da cultura afro-brasileira, e agora indígena, também, e por isso não foi possível.

Mas o Dr. Cícero Ornelas continua mantendo a Promotoria de portas abertas para todos nós.

Muito obrigado a todos e a todas e que Deus Olorum e o universo nos conduzam cada vez mais para a vitória, e a vitória definitiva no Estado da Bahia e no Brasil, que está próximo.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**10045-IV****Ses. Esp. 27/05/10****Or. Luiza Bairros****Comemoração ao Dia de África.**

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Agradecemos. Neste momento, passo a palavra à secretária da Promoção da Igualdade do governo do Estado, Luiza Bairros, que aqui neste ato representa o governador Jaques Wagner.

A Sr^a LUIZA BAIRROS:- Bom-dia a todos. Eu queria começar, em nome do governador Jaques Wagner, cumprimentando os representantes africanos do Benin, da Angola, e da Nigéria que nos presentearam aqui com suas presenças. Quero cumprimentar a toda audiência, na pessoa do deputado Bira Corôa, que é presidente da Comissão Especial de Promoção da Igualdade da Assembleia, e que tem, na nossa opinião, desenvolvido aqui com essas celebrações do Dia da África uma tradição extremamente importante.

Fazer com que nós nos reunamos uma vez por ano, para celebrar, para refletir, para pensar no que são, efetivamente, os desdobramentos da criação da Organização da Unidade Africana em 1963. Sem dúvida alguma, desde lá muitas coisas aconteceram em todos os países da África, no Brasil, também. Isso já foi bastante salientado aqui pelos nossos representantes africanos, mas é muito importante observarmos a partir do processo de independência, como os países da África afirmaram a sua verdadeira vocação, a sua verdadeira direção histórica quando libertados do colonialismo, de qualquer tipo de ingerência externa. Acho que são exatamente esses processos todos de independência na África que inspiraram a reemergência dos movimentos negros, do Movimento Negro no Brasil, assim como o surgimento de muitas organizações no meio negro. Por exemplo, os blocos, as agremiações afrocarnavalescas educaram-nos muito antes das escolas sobre os nossos laços históricos com a África. É por isso que essa data, 25 de maio, que celebramos hoje tem para nós um duplo sentido, ambos da maior importância.

O primeiro sentido o da saudação à África como berço da humanidade, algo que temos que fazer, reafirmando os esforços das lideranças do continente africano em construir a paz e o progresso sustentáveis.



O segundo sentido dessa data para nós seria o de renovar o nosso compromisso no enfrentamento a todas as formas de discriminação que atingem os descendentes de africanos em diferentes cantos do mundo. Isso significa, portanto, celebrar a diáspora africana também naquilo que nos une em termos da conquista de melhores condições de vida para todos os africanos e todos os afrodescendentes. No Brasil, como fruto da ação dos movimentos negros, da nossa ação política, chegamos agora ao final dessa primeira década do Século XXI com importantes conquistas que levaram o Brasil, nos três níveis de governo, à criação de órgãos de promoção da igualdade racial. No plano nacional, portanto, isso resultou para nós, desde 2003, na elaboração e aprovação de um Plano Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

Lembro-me também, como já foi aqui citado, de várias outras iniciativas, como a própria modificação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que prevê como obrigatório hoje o ensino da história e da cultura da África e da cultura afrobrasileira nas escolas, a adoção da ação afirmativa por cerca de 90 instituições de ensino superior no Brasil que hoje criam medidas necessárias para a democratização do acesso às universidades, especialmente dos jovens negros e negras, a aprovação da política de saúde da população negra, o programa Brasil Quilombola. Esses são apenas alguns exemplos importantes.

Convém também salientar que nós, aqui na Bahia, temos procurado trabalhar com essas questões, contribuindo para estadualizar essas políticas e essas propostas por meio da ação que a Sepromi – Secretaria de Promoção da Igualdade, busca coordenar dentro do Governo do Estado. Partimos também aqui, a exemplo do nível nacional, de um Plano Estadual de Políticas de Promoção de Igualdade Racial, um plano que já se encontra na sua segunda versão, construída a partir de uma conferência estadual que envolveu em nosso estado cerca de 100 municípios baianos e mais de sete mil pessoas num processo de discussão entre gestores e sociedade civil para definir os rumos da nossa ação dentro do governo do Estado. Uma ação que se destaca primordialmente pelos avanços que conseguimos, pela instituição de uma política estadual para as comunidades remanescentes de quilombos que, hoje, compõem 300 comunidades certificadas em todo Estado da Bahia, um dos Estados com maior número de comunidades. E conseguimos, através dessa política,



não apenas aprofundar o processo de inclusão dessas comunidades em programas sociais e de infraestrutura social, tanto do governo federal, como do governo estadual, como também conseguimos com essa política algo inédito no governo da Bahia que é a criação de um instrumento que permitirá ao governo do Estado, através da sua Secretaria da Agricultura, a titulação, a regularização, do uso das terras quilombolas situadas em terras devolutas do Estado. Isso não é uma conquista de menor importância se nós considerarmos que até 2006 a Bahia era o Estado com o registro mais insignificante de comunidades quilombolas tituladas.

Parte significativa desse trabalho no sentido de criar melhores condições de inserção social e econômica de afrodescendentes na Bahia, tem sido dedicada a vários projetos que a Sepromi realiza e cujos resultados, a exemplo do que aconteceu e acontece com a política dos quilombolas, vai nos permitir formular e executar um caminho muito seguro para que o Estado tenha uma ação bastante propositiva e com resultados concretos, a exemplo do que esperamos conseguir com o que já está sendo realizado, o mapeamento dos espaços de religião de matriz africana.

Em dois dos territórios de identidade da Bahia, especialmente o Recôncavo e o Baixo Sul, que já têm, por outro lado, também provocado na direção do governo do Estado uma demanda no atendimento às necessidades dessas comunidades, que acho que hoje nos colocam num caminho a nosso ver ainda lento, mas bastante sólido na direção de ter, na relação com essas comunidades, um tipo de relação que supere aquela relação do passado em que as nossas comunidades tradicionais eram vistas apenas e tão-somente como celeiro de votos, como espaço de manipulação da manifestação da nossa cultura.

Felizmente, nada disso que foi tentado foi conseguido porque continuamos aqui fortes e com várias organizações que representam essas entidades e que também, por seu lado, forçam o governo do Estado num outro caminho, numa outra direção, no sentido de contribuir com a preservação da cultura que essas organizações fazem, não só da preservação, mas da recriação permanente da nossa cultura.

Acho também importante citar nessa direção, para conhecimento de todos que aqui estão, especialmente dos nossos representantes africanos, as iniciativas que temos sustentado no sentido de fazer com que tenhamos hoje, as 4 universidades estaduais já adotando



programas de ação afirmativa e de podermos, pela via da Secretaria de Promoção da Igualdade, ampliar os projetos para que seja garantida a qualificação da permanência desses estudantes dentro da universidade.

Nesses projetos temos contado com o apoio da Secretaria Especial de Igualdade Racial da Presidência da República, mas também temos iniciativas que são mais exclusivas do governo do Estado. Portanto naquilo que se refere à criação de um comitê técnico estadual de saúde da população negra visando combater esses índices de mortalidade que existe na comunidade negra com uma ênfase muito grande na mortalidade materna, e mais uma vez o nosso esforço para tirar a Bahia de um lugar vergonhoso das taxas mais altas de mortalidade materna em toda a região Nordeste.

Nesse caminho, temos também procurado junto com a Secretaria da Educação, que acaba de transformar a sua coordenação de diversidade também numa coordenação para a educação das relações étnico-raciais, num recado ou num posicionamento bastante inequívoco de que poderemos, sim, com base naquilo que define a nova LDB, construir na Bahia um projeto muito sólido e consistente de inserção desses conteúdos de história africana e afro-brasileira nas escolas estaduais.

Tudo isso tem sido feito por parte da Sepromi como uma preocupação bastante grande em fazer com que essas políticas sejam interiorizadas. Isso tem sido feito através da mobilização das prefeituras municipais que, hoje, formam conosco um fórum de gestores municipais para a promoção da igualdade racial, fazendo com que todas essas realidades cheguem às nossas comunidades, porque as ações têm sido efetivamente municipalizadas.

Muito já foi dito aqui dessas conquistas nossas mais recentes no plano internacional, ressaltando principalmente a importância do governo Lula no avanço dessas relações. Não vou citá-las agora, mas quero apenas aproveitar este momento para lembrar como o governo da Bahia tem procurado se beneficiar desses estímulos que são tomados em nível do governo federal para, finalmente, fazer com que a Bahia também desenvolva uma política externa própria que tem na África um alvo extremamente importante.

Essas iniciativas no sentido da cooperação com países africanos no governo do Estado têm se manifestado não apenas por um crescimento bastante significativo de visitas



de representantes desses países. Já recebemos o presidente do Benim, governadores de vários Estados da Nigéria, ministras e ministros de Moçambique e outros representantes da comunidade de países de língua portuguesa. E agora, mais recentemente, em abril, tivemos a visita da presidenta da Libéria, que causou um verdadeiro alvoroço dentro da comunidade negra baiana quando ela abriu a possibilidade para a dupla cidadania dos negros da Bahia. Acredito que isso, inclusive, abre como processo de discussão uma outra visão que possamos ter sobre o que foi dito aqui pelo deputado Luiz Alberto em relação ao estabelecimento da diáspora como a 6ª região dentro da organização da unidade africana.

Acredito que todos os resultados que conseguimos a partir da própria missão ao Benim, como foi ressaltado aqui anteriormente pelo embaixador, já foram materializados numa série de trocas culturais estabelecidas na semana do Benim, na Bahia, que muitos tiveram a oportunidade de participar. Além disso, ressalto algo que está acontecendo agora mesmo, nesta semana, aqui, que é o 2º Fórum África Brasil/Bahia de Gestão das Águas, que é um dos exemplos mais acabados dessa cooperação do governo do Estado com outros países na medida em que conseguimos estabelecer, através da Secretaria do Meio Ambiente e do Ingá, uma cooperação bastante concreta com países de língua portuguesa para a gestão das águas e o combate à desertificação.

Não vou me estender em outros exemplos. Acho que esses são suficientes, inclusive, para que possamos medir um pouco, deputado, o que já conseguimos evoluir do dia 25 do ano passado até agora. É um bom momento para fazermos um balanço. Com isso, ficam evidente todas as possibilidades que ainda temos para ampliar esta cooperação, desde que possamos explorar um pouco mais os marcos regulatórios e institucionais que nos permitam, efetivamente, aprofundar essa cooperação internacional com entes subnacionais, como é o caso da Bahia.

Nisso, a Sepromi está empenhada em produzir um documento, que esperamos concluir em meados do próximo semestre, dando um pouco este norte do que poderia ser uma cooperação que envolva não apenas o que já ocorre do ponto de vista comercial, com várias empresas que atuam em países africanos, mas também essa experiência de um planejamento, como ocorre no governo do Estado, na perspectiva da inclusão. Ou seja,



colocar essa experiência a serviço de novos aprendizados que possamos ter com os nossos irmãos africanos.

Acho que isso é mínimo que podemos fazer para celebrar as nossas ligações históricas e culturais, que foram tão bem ressaltadas aqui. Mas fazendo dessas ligações, como também foi dito, uma oportunidade de melhoria das condições de vida dos africanos e dos afrodescendentes no Brasil.

Muito obrigada. (Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



10046-IV

Ses. Esp. 27/05/10

Or. Coronel Alfredo Castro

Comemoração ao Dia de África.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para registrar a presença do deputado Zé Neto, justificando que ele não pôde acompanhar toda a sessão porque estava conduzindo uma sessão importante a respeito da manutenção das fanfarras como instrumento importante de nossa cultura.

Registro também a presença do professor Luizinho, secretário de Ação Social do município de Serrinha, e das companheiras que compõem essa secretaria.

Passo a palavra, quebrando o protocolo por erro da Mesa, ao coronel da PM Alfredo Castro.

O Sr. ALFREDO CASTRO:- Apesar do avançado da hora, não poderia me furtar de proferir algumas palavras em nome da corporação e do Exmº Sr. Comandante Geral.

Queria parabenizar o nosso deputado Bira Corôa. Falo nosso porque eu tive um convívio muito estreito com ele durante a minha passagem por Camaçari. Gostaria de também enaltecer a secretária de Promoção da Igualdade, Drª Luiza Helena, representante do Exmº Sr. Governador Jaques Wagner.

Quero registrar a nossa gratidão e o nosso respeito ao embaixador da República do Benin, representando todas as embaixadas aqui no Brasil. E também a presença do adido cultural adjunto da Embaixada de Angola, que nos proferiu uma aula aqui, o Dr. Camilo Afonso. Saúdo o nosso adido cultural da Nigéria, Ayó Ayanwa, desculpe-me se não foi na pronúncia correta. E ainda o nosso amigo e colega de curso Dr. Almiro Sena, que sempre esteve alinhado a essa causa; do nosso representante, Dr. Saulo Quadros; do Dr. Aldovandro Fragoso; enfim, registrar também a grande presença dos nossos oficiais da Polícia Militar compromissados com essa reparação que hoje estamos vivendo.

E dizer o seguinte: agradeço a esta Casa pelo convite à nossa instituição centenária para participar desse grande momento, que é essa homenagem à mãe África, o que Chico César faz em sua música “Mãe solteira”. Também quero reafirmar o compromisso que a



instituição e seus componentes têm na busca pelas reparações às discriminações sociais da nossa sociedade às comunidades africanas aqui.

E dizer aos senhores que a minha palavra finaliza da seguinte maneira: nós temos uma cultura de pedir a benção às nossas mães e aos nossos pais quando saímos de casa, quando chegamos ou cumprimentamos, então, neste momento, a corporação presta uma homenagem à Mãe África ao pedir a sua benção.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-05

Ses. Esp. 27/05/10

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste exato momento, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço pela presença às autoridades civis, militares e eclesiásticas, aos Srs. Deputados e Sr^{as} Deputadas, à imprensa, a todos e a todas, e agradeço especialmente à contribuição aqui dada pela representação da África, através de Angola, da Nigéria e do Benin.

Declaro encerrada esta sessão, mas na certeza de que essa luta continua viva, assim como a África vive para todos nós.